

# Editorial

Suceder a Mondlane e a Samora, dois gigantes na História de Moçambique, de África e do Mundo não é uma tarefa fácil. Mas sucedê-los na actual conjuntura da África Austral é mais do que difícil: é um desafio que exige coragem.

Os povos da zona vivem de baixo da mira das armas de Pretória; o nosso País encontra-se devastado, de norte a sul pela extensão do exército regular sul-africano que são os bandidos armados; a fome, a subnutrição, o pesadelo da seca abriram na carne da Nação chagas vivas que sangram. Para se tirar o País da situação de miséria com que se debate é necessário muito esforço e sacrifício, unidade sólida de todos os moçambicanos, voz de comando firme que faça extravasar a enorme disponibilidade dos trabalhadores nesta hora de chamamento da Pátria.

Joaquim Chissano aceitou esse desafio.

Filho de primeira hora da Frente de Libertação de Moçambique, Chissano privou em intimidade com o Presidente Mondlane e com o Presidente Samora Machel. Guerrilheiro, conhece a dureza da marcha, o crepitar das armas na hora do combate, a dor — tantas vezes repetida! — dos companheiros tombados. Diplomata, conhece as regras de relacionamento internacionais, as altas instâncias onde se tomam decisões de repercussão universal. Foi recebido por chefes de governo de todos os quadrantes e por chefes de Estado ocidentais e socialistas. Os onze anos de Independência Joaquim Chissano pas-

sou-os fazendo diplomacia em todo o mundo — conquistando conjuntamente com a acção a inserção positiva que a RPM tem no quadro das nações. Ainda recentemente a sua voz se fez ouvir na Assembleia Geral das Nações Unidas clamando pela Paz na África Austral.

Em Joaquim Chissano o Povo sempre admirou a serenidade, a medida certa na hora certa, a simplicidade, a raiz popular. O seu nome é cantado desde que, nos tempos difíceis do Governo de Transição, desempenhou as delicadas tarefas de Primeiro-Ministro. De lá para cá ficou de vez no coração do Povo que nele viu um dirigente lúcido, cauteloso, ponderado, qualidades, aliás, reconhecidas pela direcção do Partido que o manteve desde a Independência na complexa tarefa de Secretário do Comité Central para as Relações Exteriores e na pasta dos Negócios Estrangeiros.

Nesta trágica hora que a Nação atravessa o Partido fez a escolha mais acertada. O Comité Central foi ao encontro da vontade popular. A perda de Samora Machel encontra em Joaquim Chissano o membro refrigério.

O Partido já tem o seu Presidente, a República já tem o seu dirigente máximo e as Forças de Defesa e Segurança o seu Comandante-Chefe.

Bem haja Presidente Joaquim Chissano! O Povo aguarda as suas ordens.

A Frelimo, enquanto organização política, enquanto corrente de pensamento, uma vez mais surpreendeu os seus militantes, os seus amigos e mesmo os seus

inimigos e detractores. Cairam por terra todas as especulações sobre crises e os prognósticos de um futuro sombrio para o nosso País. Se esse futuro vier a ser sombrio isso se deverá à agressão da África do Sul que redobrou agora o seu belicismo. Ainda não está frio o corpo de Samora Machel e já o regime do «apartheid» vem com novas ameaças.

A África do Sul não esperava que a RPM superasse com tanta rapidez a delicada escolha de um novo Presidente. A nossa alegria neste momento é a sua tristeza. A nossa confiança no futuro o seu desespero. Por isso preparemo-nos para um aumento das acções de agressão ao nosso País numa intervenção directa ou numa escalada de acções terroristas através dos bandidos armados. Está provado que as ameaças de Pretória, precedem actos concretos de agressão militar.

Os belicistas sul-africanos aproveitarão estes momentos em que o novo Presidente se estará familiarizando com as suas novas funções para acentuarem a desestabilização ao nosso País. Paralelamente tornarão ainda mais torpe a sua campanha de propaganda contra Moçambique procurando semear o desânimo, o medo, a vacilação.

Este inimigo conhece-mo-lo bem: é insidioso, torpe, malvado, criminoso. Apostou em destruir-nos, em pôr-nos de joelhos diante da sua estátua. Só com o fogo respondendo ao fogo podemos demovê-lo dos seus intentos. Este inimigo tem armas so-

fisticadas. Mas a superioridade de equipamento mintar nunca decidiu os resultados das guerras. E nós temos também as nossas armas sofisticadas: a unidade nacional e o anti-racismo que servem de modelo para uma África do Sul pontilhada de raças até ao grotesco. Contra estas armas nada pode o exército sul-africano e seus bandidos armados.

Da mesma forma nada pode a África do Sul contra a vontade dos povos da África Austral. O apartheid está condenado pela História. A sua morte definitiva é uma questão de tempo. Quanto mais demorar, apenas mais doloroso será o parto de uma nova sociedade na África do Sul. Muitos inocentes perderão a vida. Muitos combatentes tombarão. Mas o seu sangue será o fertilizante da luta, esta luta que não pára porque nos tiraram o Presidente Mondlane ou o Presidente Samora Machel. Esta luta que não pára porque conspiram todos os dias contra ela. Esta luta que não pára porque só quando a justiça triunfar cessará.

Estas são as nossas convicções sempre reafirmadas em diversas ocasiões pelos nossos dirigentes. Já assumidas pelo Povo que canta:

**Mataram Mondlane  
Disseram já vencemos  
Samora respondeu:  
A Luta Continua  
Mataram Samora  
Disseram já vencemos  
Chissano respondeu:**

**A LUTA CONTINUA!**